

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS E ESPANHOL
LICENCIATURA

ADRIELI DA SILVA MULLER

MEMÓRIA, HISTÓRIA E VERSÕES: UM OLHAR SOBRE O MUSEU

CERRO LARGO/RS

2022

ADRIELI DA SILVA MULLER

MEMÓRIA, HISTÓRIA E VERSÕES: UM OLHAR SOBRE O MUSEU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/ Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras Português/ Espanhol.

Orientador(a): Profa. Dra. Caroline Mallmann Schneiders

CERRO LARGO/RS

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Muller, Adrieli da Silva
Memória, História e Versões: Um Olhar Sobre o Museu /
Adrieli da Silva Muller. -- 2022.
33 f.:il.

Orientadora: Professora Doutora Caroline Mallmann
Schneiders

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro
Largo, RS, 2022.

1. Análise do Discurso. 2. Narratividade. 3. Museus.
4. São Miguel das Missões/RS. I. , Caroline Mallmann
Schneiders, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

ADRIELI DA SILVA MULLER

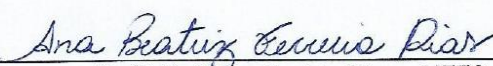
MEMÓRIA, HISTÓRIA E VERSÕES: UM OLHAR SOBRE O MUSEU

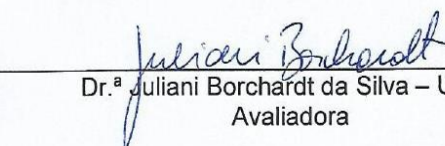
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Português/
Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul
(UFFS), como requisito para obtenção do título de
licenciada em Letras Português/ Espanhol.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 17/08/2022.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Caroline Mallmann Schneiders – UFFS
Orientadora


Prof.ª Dr.ª Ana Beatriz Dias – UFFS
Avaliadora


Dr.ª Juliane Borchardt da Silva – UFFS
Avaliadora

Neste pequeno, mas sincero texto, dedico este trabalho aos meus pais e meu irmão, por sempre acreditarem em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora professora Dra. Caroline Mallmann Schneiders, por toda dedicação, conhecimentos compartilhados e orientações durante à pesquisa e à escrita desse trabalho.

Agradeço, aos meus pais e avós, que sempre mostraram a importância dos estudos e estiveram presentes ao longo desta caminhada, dando-me apoio e incentivo.

Agradeço, aos meus amigos e colegas - *Andressa, Adriane, Ana Paula, Fernanda, Márcia, Marciele, Patricia, Sirlei, Tânia e Maira (in memorian)* - que trilharam esse caminho juntamente comigo, que compartilharam reflexões, discussões teóricas e conversas paralelas. Sou extremamente grata por ter conhecido pessoas tão especiais. Agradeço também, ao meu namorado Rodrigo Gustavo, que sempre esteve do meu lado, acompanhando minha trajetória e incentivando meu trabalho.

Agradeço, também, ao corpo docente do Curso de Letras Português e Espanhol- Licenciatura, *Campus Cerro Largo/RS*, da Universidade Federal da Fronteira Sul, o qual foi essencial para a minha formação.

Agradeço, também, pela oportunidade de poder cursar a graduação na Universidade Federal da Fronteira Sul, a qual proporcionou um ensino gratuito e de qualidade.

Muito obrigada!

Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto no interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É o silêncio significativo. (ORLANDI, 2007, p. 23).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender os efeitos que os arquivos do Museu das Missões e do Manancial Missioneiro produzem em torno da história e da memória da região das Missões do Rio Grande do Sul. O “Museu das Missões” faz parte do Instituto Brasileiro de Museus, sendo localizado dentro do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões (RS). Seu acervo museológico institucional é constituído por peças elaboradas e valorizadas no período histórico do Sete Povos das Missões Orientais, composto por uma rica coleção de esculturas missioneiras em madeira policromada dos séculos XVII e XVIII. Por ser um dispositivo do governo brasileiro, é entendido enquanto um aparelho ideológico de Estado, utilizando-se de um discurso predominante de poder para perpetuar determinada versão dessa história, isto é, sendo constituído pela ideologia dominante da época, ou seja, o discurso do colonizador, percebemos isso a partir dos artefatos que remetem à igreja católica. Por sua vez, situado no mesmo município, o “Manancial Missioneiro”, um espaço de memória remanescente da chamada Redução Jesuítica dos Guaranis, abre para outras versões da história, trazendo um outro olhar sobre os aspectos da cultura indígena, pois guarda elementos arquitetônicos da cultura indígena, especialmente da Mbyá- Guarani, como o tatarandê (altar do fogo). Também há uma Opy (Casa de Reza), onde se realiza o benzimento, nomeado como Ritual da Erva Mate (caá), práticas que eram realizadas pelos nativos e foram ficando para trás devido à chegada dos imigrantes. Abarcando o que não tem espaço no “Museu das Missões”, todos esses artefatos funcionam como discursos que possibilitam compreender uma outra relação com a história e com a memória daquela em circulação no “Museu das Missões” sobre o indígena. A partir disso, refletimos como os discursos dos/nos museus produzem determinadas versões sobre os fatos da história, destacando as condições de produção que determinam os discursos que constituem o arquivo dos Museus analisados. Ou seja, compreendemos os efeitos ideológicos e de relações de poder constitutivos dos discursos inscritos nesses museus. Nosso estudo, justifica-se por estarmos lançando gestos de interpretação sobre diferentes práticas discursivas e sociais, buscando, pois, trabalhar com a história, o discurso e a memória, para, assim, poder refletir sobre os museus, sobre produção do conhecimento e arquivo. Assim, entendemos que observar a maneira

como os Museus são determinados histórico e ideologicamente, produzindo efeitos de sentido em torno da língua, da memória e da história que é preservada/guardada nesse espaço. Para tanto, embasamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da História das Ideias Linguísticas em articulação com a Análise de Discurso franco-brasileira. Consideramos que cada um dos museus produzem uma versão da história ligado a questões do político e da ideologia. Assim, observamos como cada espaço produz uma narratividade sobre os fatos da história de modo diferente, vinculada às condições de produção dos discursos à época de sua constituição. Logo, as versões da história dependem de quem conta e de que lugar ela é contada, sendo sempre passível de interpretação.

Palavras-chave: museu; São Miguel das Missões/RS; discurso; historicidade; narratividade.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo comprender los efectos que los archivos del *Museu das Missões* y del *Manancial Missioneiro* producen en torno a la historia y la memoria de la región de las Missões de Rio Grande do Sul. El *Museu das Missões* es parte del Instituto Brasileño de Museos, situado dentro del Sitio Histórico São Miguel Arcanjo, en São Miguel das Missões (RS). Su acervo museológico institucional está constituido por piezas elaboradas y valoradas en el período histórico de los Siete Pueblos de las Misiones Orientales, integrada por una rica colección de escultura misionera en madera policromada de los siglos XVII y XVIII. Por ser un dispositivo del gobierno brasileño, se entiende como un aparato ideológico del Estado, utilizando un discurso de poder predominante para perpetuar una determinada versión de esta historia, o sea, siendo constituida por la ideología dominante de la época, o sea, el discurso del colonizador, esto lo percibimos a partir de los artefactos que hacen referencia a la Iglesia Católica. A su vez, situado en el mismo municipio, el *Manancial Missioneiro*, un espacio de memoria remanente de la llamada Reducción Jesuítica de los Guaraníes, se abre a otras versiones de la historia, trayendo otra mirada a aspectos de la cultura indígena, ya que guarda elementos arquitectónicos de la cultura indígena, especialmente la Mbyá-Guaraní, como el tatarandê (altar de fuego). También hay una *Opy* (Casa de Reza), donde se realiza la bendición, denominada Ritual de la Yerba Mate (caá), prácticas que realizaban los indígenas y quedaron atrás debido a la llegada de inmigrantes. Abarcando lo que no tiene espacio en el *Museu das Missões*, todos estos artefactos funcionan como discursos que posibilitan comprender otra relación con la historia y con la memoria de la que circula en el *Museu das Missões* sobre lo indígena. A partir de eso, reflexionamos sobre cómo los discursos de/en los museos producen ciertas versiones de los hechos de la historia, destacando las condiciones de producción que determinan los discursos que constituyen el archivo de los Museos analizados. O sea, comprendemos los efectos ideológicos y de relaciones de poder constitutivas de los discursos inscritos en esos museos. Nuestro estudio, se justifica porque estamos lanzando gestos de interpretación sobre diferentes prácticas discursivas y sociales, buscando, por tanto, trabajar con la historia, el discurso y la memoria, para reflexionar sobre los museos, sobre la producción de conocimiento y archivo. Así, entendemos que observar la forma en que

los Museos se determinan histórica e ideológicamente, produciendo efectos de sentido en torno al lenguaje, la memoria y la historia que se conserva en este espacio. Para eso, nos baseamos en los presupuestos teórico-metodológicos de la Historia de las Ideas Lingüísticas en articulación con el Análisis del Discurso Franco-Brasileña. Consideramos que cada uno de los museos produce una versión de la historia ligada a cuestiones de política e ideología. Así, observamos cómo cada espacio produce una narratividad sobre los hechos de la historia de manera diferente, ligada a las condiciones de producción de los discursos en el momento de su constitución. Luego, las versiones de la historia dependen de quién cuenta y de qué lugar ella se cuenta, siendo siempre susceptible de interpretación.

Palavras Clave: museo; São Miguel das Missões/RS; discurso; historicidad; narratividad.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Pavilhão Lucio Costa com suas três salas de exposição envidraçadas. Em segundo plano a fachada e torre do antigo templo do século XVIII.	21
Imagem 2 - Imagens sacras das antigas reduções que fazem parte do acervo do Museu das Missões.....	22
Imagem 3 - Nossa Senhora da Conceição. Escultura Missioneira em madeira policromada e escultura missioneira de Jesus Cristo. Século XVII-XVIII.	23
Imagem 4 - Manancial Missioneiro.....	25
Imagem 5 - Opy (Casa de Reza) e tatarandê (altar do fogo).	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	A RELAÇÃO DISCURSO, MEMÓRIA E ARQUIVO	15
2.2	UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE OS MUSEUS	16
3	UM OLHAR SOBRE O ARQUIVO DOS MUSEUS	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa uma reflexão em torno de questões que perpassam a história e a memória da região das missões do Rio Grande do Sul (RS), tomando por base a observação de diferentes materialidades discursivas. Buscamos realizar, inicialmente, um estudo sobre os discursos de dois importantes museus localizados no município de São Miguel das Missões/RS. Primeiramente, nosso objetivo central é compreender os efeitos que os arquivos do Museu das Missões e do Manancial Missioneiro¹, que se constitui como um espaço de memória remanescente da chamada Redução Jesuítica dos Guaranis, produzem em torno da história e da memória da região das Missões do Rio Grande do Sul.

Para realizarmos esta reflexão, tendo em vista esses dois objetos, interessamos compreender o funcionamento discursivo destes dois espaços que visam guardar/preservar a história e a memória em torno das reduções jesuíticas. Deste modo, explicitamos a historicidade e a memória que afetam o imaginário local a partir do modo como esses dois museus produzem uma narratividade sobre os fatos da história. Ou seja, compreendemos os efeitos ideológicos e de relações de poder constitutivos dos discursos inscritos nesses museus.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, embasamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da História das Ideias Linguísticas em articulação com a Análise de Discurso franco-brasileira. Nosso objeto de análise é, pois, o Manancial Missioneiro e o Museu das Missões, e o desenvolvimento analítico parte do arquivo que constitui esses museus. Tendo em vista o arquivo em análise, mobilizamos o dispositivo teórico da AD, e, a partir deste, delimitamos o dispositivo analítico, a fim de lançar gestos de interpretação sobre a(s) materialidade(s) analisadas. O dispositivo analítico, para o desenvolvimento de nossas análises, é constituído, sobretudo, pelos conceitos de: narratividade, discurso, memória e história.

Diante disso, buscamos compreender as condições de produção que determinam os discursos constitutivos dos museus. Vale destacar, que o Manancial Missioneiro guarda elementos arquitetônicos que remontam ao período chamado Trinta Povos das Missões, artefatos e instrumentos utilizados por imigrantes deste

¹ Manancial Missioneiro primeiramente era denominado como Ponto de Memória Missioneira, sua nomenclatura foi modificada a partir de 2018.

território entre os (séculos XIX e XX); além de guardar bens materiais da cultura indígena, especialmente da Mbyá-Guarani, também há uma Opy (Casa de Reza)², onde se realiza o benzimento, nomeado como Ritual da Erva Mate (caá). Já o Museu da Missões, constitui-se por artefatos simbólicos, como as esculturas missioneiras em madeira policromada dos séculos XVII e XVIII, composto por uma vasta coleção de imagens sacras de características barrocas, ficando conhecido como arte sacra missional, manifestação da arte indígena colonial. O acervo museológico desse museu surge no período do Sete Povos das Missões Orientais, no espaço das reduções indígenas-jesuíticas.

Desse modo, explicitamos a historicidade e a memória que afetam o imaginário local pelo modo como esses dois museus produzem uma narratividade sobre os fatos da história. Ou seja, compreendemos os efeitos ideológicos e de relações de poder constitutivos dos discursos inscritos nesses museus. Tal pesquisa tornou-se pertinente devido estarmos lançando gestos de interpretação sobre diferentes práticas discursivas e sociais, buscando, pois, trabalhar com a história, o discurso e a memória, para, assim, poder refletir sobre os museus, sobre a produção do conhecimento e sobre o arquivo.

² A Casa de Reza (Opy), trata-se da reprodução deste espaço, não é original. O idealizador deste Museu Valter Braga busca resgatar essa memória dos indígenas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A RELAÇÃO DISCURSO, MEMÓRIA E ARQUIVO

Primeiramente, o discurso é o lugar em que se pode observar a “relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2020, p. 15) e não há sujeito sem ideologia. Conforme Orlandi (2020), na Análise de Discurso, não se procura um sentido “verdadeiro”, mas o sentido da materialidade linguística e histórica, devido ao processo de produção de sentido estar sujeito a deslize, havendo sempre um outro possível que o constitui.

Dessa maneira, o trabalho ideológico é um trabalho de memória e esquecimento, pois, quando esquecemos quem disse, por exemplo, “colonização”, quando, onde e por quê, que o sentido de colonização produz seus efeitos (ORLANDI, 2020). Partindo desse princípio, entendemos que os museus contêm um viés ideológico, sofrendo ação direta da ideologia. Podemos definir a ideologia como

[...] um ritual com falha, assim como também o Estado falha nos modos de individuação do sujeito, produzindo a falta. E a falta em nossa concepção, é o lugar do possível: possível de que não seja assim, possibilidade do sentido outro, com a condição que ele ecoe na história produzindo deslocamento. (ORLANDI, 2017, p. 107).

Nesse trabalho, compreendemos o museu como um espaço simbólico, espaço de significação e, em sequência, como espaço de linguagem. Se, para Orlandi (2012, p. 87), os museus são instituições que permitem a autorreflexão, a autocrítica e o questionamento sobre eles mesmos, podemos entendê-los como um lugar de produção de arquivos.

Ao falar sobre arquivo, trabalhamos com dois tipos de memória: a memória discursiva “que é tratada como o interdiscurso. Este é definido como aquilo que se fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2020, p. 29), constituída pelo esquecimento, que são silenciadas pelas condições de produção. E a memória institucionalizada (o arquivo), o trabalho social da interpretação onde se separa quem tem e quem não tem direito a ela, que faz circular certos efeitos de sentidos apagando outros que poderiam estar ali (ROMÃO, 2011). Conforme Orlandi (2020), os museus produzem uma memória institucionalizada e o trabalho social da interpretação onde

se separa quem tem e quem não tem direito a ela, quando se esquece de expor algo no museu que os sentidos vão produzir seus efeitos.

Destaca-se, também, a relação entre essa produção e os sujeitos em um processo sócio-histórico, inerente a cada formação social, que corrobora por ressaltar a constituição do sujeito em relação a outros sujeitos em uma dada comunidade. Ao trabalharmos com as noções de museu e arquivo, retomamos Orlandi (2017) que pontua a importância da narratividade, como funcionamento da memória que se diz - se produz muitas versões.

Entendemos que o conceito de narratividade é essencial para a reflexão que propomos nessa pesquisa, uma vez que, a partir dela, observamos o funcionamento discursivo dos museus tomados como objeto de análise. Narratividade, para nós, é

funcionamento, inscrição no que, na Análise de Discurso, denominados historicidade: relação do discurso com sua exterioridade, relação entre sujeito, memória discursiva, ou interdiscurso e condições de produção. Considerando a narratividade-tomada no funcionamento da memória -, em sua definição, como o modo como a memória se diz, se reporta, vinculando o sujeito individuado a espaços de interpretação, em práticas discursivas determinadas. (ORLANDI, 2017, p. 313).

Além disso, podemos observar “a narratividade como a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando (seu “pertencimento”) sua existência e espaços de interpretação determinados” (ORLANDI, 2017, p. 106), ou seja, a narratividade como constitutiva no funcionamento da memória.

2.2 UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE OS MUSEUS

O museu é um resgate da memória e da história que põe em jogo “um enredo, um relato, uma narrativa (...) um espaço discursivo no qual muitas posições-sujeitos encontram-se em confluência” (ROMÃO, 2011, p. 65). Inicialmente, ao tratarmos de museus, constrói-se um imaginário e ilusão de que vamos encontrar um todo, devemos desconstruir as ilusões de clareza e completude, uma vez que vai haver sempre incompletude e diferentes formas de interpretação em que ocorre a predominância de uma das interpretações, e o silenciamento das demais.

Diante de nosso objetivo, que é compreender os efeitos que os arquivos do Museu das Missões e do Manancial Missioneiro produzem em torno da história e da memória da região das Missões do Rio Grande do Sul, contextualizamos, brevemente, cada um desses objetos de análise.

Para iniciar, apresentamos o Museu das Missões, o qual foi projetado pelo arquiteto Lucio Costa e faz parte do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)³, sendo localizado dentro do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões (RS). A criação oficial do museu ocorreu através da promulgação do Decreto-lei nº 2.077, de 8 de março de 1940, pelo presidente Getúlio Vargas, com o objetivo de “reunir e conservar as obras de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões Orientais, fundados pela Companhia de Jesus naquela região do País” (BOTELHO; VIVIAN; BRUXEL, 2015, p. 50). Nessa perspectiva, a criação do museu partiu da ideia de que

O Museu tem como missão pesquisar, documentar e divulgar a experiência histórica missioneira, através de um pensamento crítico, sobre as relações entre patrimônio cultural, arte, história e memória; e estimular na população local a reflexão sobre o legado cultural dos remanescentes históricos da região missioneira do Rio Grande do Sul. (BOTELHO; VIVIAN; BRUXEL, 2015, p. 43-44.).

Seu acervo museológico institucional é constituído por peças elaboradas e valorizadas naquele período composto por uma rica coleção de esculturas missioneiras em madeira policromada dos séculos XVII e XVIII, sendo conhecido como arte sacra missional, manifestações da arte indígena colonial.

O outro museu tomado como objeto de análise é o Manancial Missioneiro, que vai trazer uma nova narratividade, para nós, “vai pôr em movimento a rachadura que lhe permitiu surgir sendo fundado em outro momento sócio-histórico, manifestando efeitos de desconstrução e recomposição” (ROMÃO, 2011, p. 70). Conforme Orlandi (2017, p. 67), surge uma versão que coloca na história o que estava posto em silêncio, localizado próximo ao Museu das Missões e ao Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, que não dispõe da mesma visibilidade que o Museu das Missões.

³ Atualmente, o Museu das Missões integra a estrutura do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus, criado em 2009).

O Manancial Missioneiro é uma iniciativa de memória comunitária que surge, de acordo com Vivian (2012), em um ambiente marcado de insatisfação em relação às políticas oficiais de preservação dos bens culturais existentes nas Missões, nas quais os miguelinos foram excluídos das decisões sobre esse patrimônio que faz fronteira com o quintal de suas casas. Dessa forma, o Programa Pontos de Memória visa:

Atender os diferentes grupos sociais do Brasil que não tiveram a oportunidade de expor suas próprias histórias, memórias e patrimônios nos museus, estando em sintonia com as diretrizes que sustentam a própria Política Nacional de Museus. (VIVIAN, 2012, p. 204).

O Museu Manancial Missioneiro surgiu em 1990, com a iniciativa de Valter Braga⁴, que coordenou o ‘salvamento’ do que restou do pós-guerra e iniciou as devoluções das primeiras peças arqueológicas e de outras culturas em sua casa. O Museu tornou-se, para a comunidade de São Miguel das Missões, um espaço de memória remanescente⁵ da chamada Redução Jesuítica dos Guaranis, em que se encontram elementos arquitetônicos que remontam ao período chamado Trinta Povos das Missões (séculos XVII e XVIII), artefatos e instrumentos utilizados por imigrantes deste território entre os (séculos XIX e XX). O acervo também guarda bens materiais da cultura indígena, especialmente da Mbyá-Guarani, também há uma Opy (Casa de Reza), onde se realiza o benzimento, nomeado como Ritual da Erva Mate (caá).⁶

A partir de nosso olhar visitante-observador, compreendemos que, nos museus, há falhas, rupturas, deslizamentos, e apagamentos/silenciamentos de fatos históricos, predominando uma única versão da história. No Museu das Missões, encontramos a herança do “colonizador”, enquanto no Manancial Missioneiro

⁴ Valter Braga é funcionário público da prefeitura de São Miguel das Missões/RS, desde o início dos anos 90. É idealizador e mantenedor do Manancial Missioneiro, atuando como agente da memória local.

⁵ Ao procurarmos no dicionário o significado da palavra “remanescente” encontramos como definição como aquilo que “sobra” ou “resta”. Mas nos detemos, na definição de Venturini “[...] esse museu foi criado para guardar memórias da cidade, e esse objetivo fez com que ele se estruturasse por ‘restos’ do que os moradores da cidade consideravam como história/memória e foram doados em forma de objetos. Nesse lugar, podemos ver/ler/interpretar/compreender uma certa visão de história, como a interpretante, a julgadora da sociedade” (VENTURINI, 2020, p. 29).

⁶ Nesse espaço é realizado representações e construções daquilo que se imagina. A Opy, Casa de Reza, reproduzida no Manancial Missioneiro, é uma reprodução de Valter Braga e está ligada ao seu contato direto com os Guaranis que habitam a região desde os anos 80, bem como de histórias e memórias que seus pais e antepassados relatam sobre.

prevalece a herança de vários povos que fazem parte das identidades dos miguelinos, devido ao fato de partir de um “processo museal de natureza comunitária e popular, capaz de dar sentido a uma forte vontade política de memória existente entre moradores de São Miguel das Missões” (VIVIAN, 2012, p. 1908).

Consideramos, ao se pensar discursivamente o Museu das Missões e o Manancial Missioneiro, que se encontram na mesma cidade, mesmo o último não possuindo a mesma visibilidade que o primeiro, como cada espaço produz uma determinada narratividade, produzindo uma versão sobre os fatos históricos que guardam. Assim, devemos

Considerar os museus como práticas de significação, que materializam o confronto do simbólico com o político, conduz a refletir sobre o modo como o processo discursivo é constituído, em especial, como as formações discursivas, as formações ideológicas e a memória discursiva se constituem neste espaço significativo que é o museu. (MASSMANN, 2020, p. 558).

Todavia, o Museu das Missões age como aparelho do Estado, produzindo uma versão da história ligado a questões do político e do ideológico, que atua como um dispositivo do governo brasileiro, ou seja, para nós funciona enquanto um Aparelho Ideológico do Estado (AIE), o qual “funciona de um modo massivamente prevalente pela ideologia” (ALTHUSSER, 1980, p. 47). Esses aparelhos utilizam-se de um discurso predominante de poder para perpetuar determinada versão dessa história. Já o Museu Manancial Missioneiro manifesta-se com iniciativas particulares, segundo Luiz Vivian, este museu busca narrar e expor as próprias memórias e patrimônios dos miguelinos por terem sido excluídos das decisões deste patrimônio anteriormente.

O discurso-museológico que encontramos no Museu das Missões é, sobretudo, a arte barroca, utilizada pelos jesuítas como estratégia de dominar e catequizar os indígenas; no Manancial Missioneiro, vai funcionar discursivamente valorizando a missão de expressões culturais dos povos indígenas, imigrantes, grupos africanos que foram escravizados, e da cultura de Centro de Tradições Gaúchas (CTGs). Podemos observar, conforme Orlandi (2015), que o sentido sempre pode ser outro, deriva, produzindo um efeito metafórico, de deslize de sentidos. Assim, os discursos dos/nos museus constituem-se no confronto da memória constituída pelo esquecimento e na memória de arquivo, a que não se esquece, possibilitando espaço de interpretação, “em outras palavras, é no esquecimento, com o desejo, que se movimentam os

sentidos do Museu, e não no já-dito, lembrado e arquivado, já significado” (ORLANDI, 2015, p. 7).

Os museus produzem uma “memória institucionalizada (o arquivo) o trabalho social da interpretação onde se separa quem tem e quem não tem direito a ela” (ORLANDI, 2020, p. 45) quando se esquece de expor algo no museu que os sentidos vão produzir seus efeitos.

Retomando a questão do arquivo nos museus, segundo Cervo (2015), o arquivo é um resultado de ordenamento de documentos (públicos e privados) e resultado de um trabalho de leitura, práticas essas que operam sempre em relação ao que não foi escolhido ao gesto de interpretação que dá contorno à organização dos elementos e à construção da narrativa, sendo essa uma prática política e de poder sobre a memória, devido à prática de arquivo ser uma decisão entre o por quê, como e por quais meios contar uma história sobre a memória. Assim, ambos os museus aqui citados são compostos por um arquivo que visa manter uma memória institucionalizada e também a memória discursiva que “o sujeito (se) significa, afetado pelo funcionamento da memória discursiva, do interdiscurso, de outro, e ao mesmo tempo, relação ideologia e inconsciente materialmente ligados” (ORLANDI, 2017, p. 310).

Assim, pelo fato de o Museu das Missões está preso à um discurso político funciona como um Aparelho Ideológico do Estado, colocando em prática a ideologia dominante, podemos dizer que é um espaço no qual os miguelinos não falam, eles são falados, “seu dizer está predeterminado pela posição do colonizador” (ORLANDI, 2008, p. 60). Em oposição, o Manancial Missioneiro possui mais liberdade em sua constituição, pois parte de iniciativa privada e comunitária e surge para representar a identidade de seus antecedentes uma forma de resistência aos apagamentos da sua história realizada pelo Estado.

3 UM OLHAR SOBRE O ARQUIVO DOS MUSEUS

Apresentamos, inicialmente, o Museu das Missões a partir da imagem 1.

Imagem 1 - Pavilhão Lucio Costa com suas três salas de exposição envidraçadas. Em segundo plano a fachada e torre do antigo templo do século XVIII.



Fonte: Museu das missões (2018).

Podemos perceber, na imagem acima, que, ao fundo do Museu, aparecem as ruínas da redução do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, antiga redução Jesuítica. Contudo, o Museu das Missões pertence ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), nele encontra-se um precioso acervo museológico institucional, que hoje representa uma das maiores coleções públicas de imagens missioneiras de madeira policromada dos séculos XVII e XVIII, do Mercosul.

Seu acervo museológico institucional é constituído por aproximadamente 100 peças elaboradas e valorizadas naquele período composto por uma rica coleção de esculturas missioneiras em madeira policromada dos séculos XVII e XVIII, sendo conhecido como arte sacra missional, manifestações da arte indígena colonial⁷, como já mencionado. Dessa maneira, “as imagens produzidas no contexto das reduções de São Miguel das Missões/RS contribuem para organizar os sentidos em torno de determinada memória e grupo social, constituindo-se como monumentos” (SCHNEIDERS; MALLMANN, 2017, p. 63)

⁷ Tais informações foram retiradas do site: <<https://www.museu.das.missões.museu.gov.br/o-museu/>>. Acesso em 20 de junho de 2022.

Tratamos as imagens como monumentos no sentido que Orlandi considera no artigo intitulado “Os sentidos de uma estátua: espaço, individuação, acontecimento e memória”. Para a autora, a estátua funciona

por um efeito de memória: não o interdiscurso, a memória que para constituir sentido, esquece, mas a memória institucionalizada, a memória de arquivo, que justamente é um marco/gatilho que desencadeia um processo de significação e de identificação em uma rede da memória gerida pelo Estado. (ORLANDI, 2010, p. 11).

Nesse sentido, conforme Venturini (2020), o arquivo que se constitui de objetos retoma os acontecimentos ou sujeitos, sendo significado pela memória, pois, guarda objetos de uma comunidade relacionados à história. Assim, para nós, as imagens dos monumentos que compõem o Museu das Missões e o Manancial Missioneiro constituem-se com um gesto de memória, que individua os sujeitos inscritos em uma rede de sentidos sendo uma marca para a região missioneira, que, a partir disso, buscam o real da história. Em conformidade, as tramas que estruturam o museu “são tecidas por sujeitos, filiados a tempos e a lugares, sendo submetidos a versões de uma história, notadamente, a história que interessa as instituições” (VENTURINI, 2020, p.29). Dessa maneira, refletimos: o que o colonizador não está dizendo quando está dizendo “x”? E qual versão da história e que arquivo o Estado põe à mostra no museu?

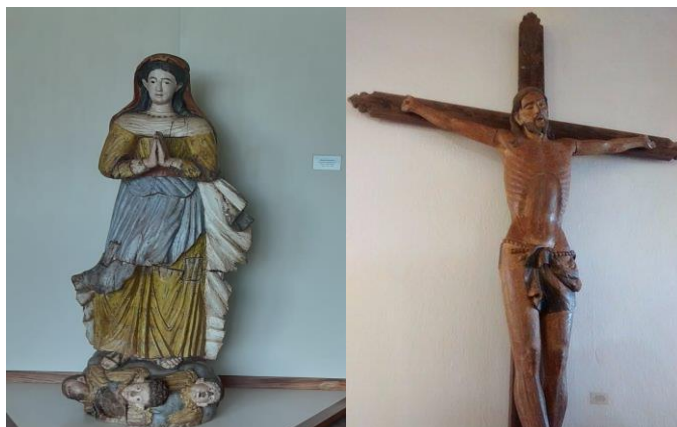
Considerando o arquivo que o Museu das Missões guarda, observemos as seguintes imagens (imagem 2 e 3).

Imagem 2 - Imagens sacras das antigas reduções que fazem parte do acervo do Museu das Missões.



Fonte: Instituto brasileiro de museus (2022).

Imagem 3 - Nossa Senhora da Conceição. Escultura Missioneira em madeira policromada e escultura missioneira de Jesus Cristo. Século XVII-XVIII.



Fonte: Fotografia registrada pelo autor (2022)

Nessas esculturas missioneiras aqui apresentadas, como afirma Thielke (2014), produzidas em oficinas nas Reduções eram feitas com objetivos religiosos dos Jesuítas relacionados à explicação da ordem do Universo, à devoção e persuasão a um modelo de vida observados nas imagens sacras, além de buscar divulgar a mensagem cristã para os Guarani. Ainda, conforme Thielke (2014), essas esculturas sofrem um processo que engendra um “barroco mestiço”, “jesuítico-guarani” ou “missioneiro”. Assim, refletimos sobre a presença de santos da religião católica no museu em questão, a qual não fazia parte da cultura dos indígenas, segundo Thielke (2014)

Podemos dizer que o processo de identificação dos sujeitos indígenas frente à ideologia dominante dos jesuítas não ocorreu sem que esses indígenas também deixaram suas marcas nas imagens, houve uma contra identificação com a ideologia dominante, porém ela não desencadeou na ruptura com o sistema dominante da época. Logo, considerando o contexto das reduções jesuíticas, os indígenas não foram passivos a esse processo de catequização imposto pelos Jesuítas, deixando traços de sua identidade. (SCHNEIDERS; MALLMANN, 2017, p. 65)

Nas esculturas produzidas, encontramos, como pontua Thielke (2014), referentes naturais do ambiente indígena, como flores campestres e os frutos como o apepu e o milho e as folhas de alcachofra. Schneiders e Mallmann (2017), em um estudo acerca do arquivo do Museu em questão, analisam os sentidos produzidos pelo discurso do/no Museu das Missões. Analisando o efeito da memória discursiva e sua relação com a história e a memória, as relações de poder com a ideologia

dominante da época, e a resistência dos indígenas materializada nos monumentos, assim, a partir desse estudo, entendem que

[...] as representações de santos, mártires e anjos que foram produzidas pelos indígenas na época das reduções não se constituem como algo neutro, visto que tais representações vinculam-se à religião católica. Ou seja, compreendemos, pelas imagens, o funcionamento da ideologia dominante da época, a qual interpela os indivíduos, no caso os indígenas, determinando o que podia e devia ou não ser representado pelas imagens. (SCHNEIDERS; MALLMANN, 2017, p. 67).

Considerando essas questões, entendemos que, ao se predominar imagens de santos católicos, há uma memória e história que ressoam por meio desses monumentos. Assim sendo, consideramos, de acordo com Orlandi (2017), o funcionamento da memória na narratividade, que se “conta” em determinadas condições, vinculando o sujeito a espaços de interpretação determinados, em suas práticas discursivas, interpelado pela ideologia.

Dessa maneira, entendemos que o discurso do colonizador se impõe com a força institucionalizada que traz consigo uma memória no qual se encontra no Museu das Missões, que é a memória do colonizador. Em conformidade com Orlandi (2008), o dizer do indígena está predeterminado pela posição do colonizador, ou seja, sua fala é falada pela memória do outro (europeu). Ocorre, assim, um mecanismo de silenciamento que é um processo de contenção de sentido, modo de não permitir que o sujeito indígena circule pelas diferentes formações discursivas.

Isso vincula-se, para nós, a discussão proposta no livro *Colonização Linguística*, de Mariani (2004), que aborda a noção de colonização⁸, a qual pode ser relacionada com o que estamos entendendo a respeito do arquivo do Museu da Missões, o qual produz sentidos vinculados à memória da colonização e ao discurso do colonizador que se impõe pela força institucionalizada. Ou seja, trata-se, pois, da ótica do colonizar que é ali guardado no museu.

⁸ Conforme Mariani, A noção de colonização remete para a coexistência de povos com histórias e línguas distintas em um dado momento histórico. Colonizar supõe um contato entre diferenças, contato esse que se dá pelo uso da força, não se realizando, portanto, sem tensões e confrontos. Deve-se então dizer que tal noção apresenta mais de um sentido, conforme seja usada no discurso do colonizador ou no do colonizado. Aliás se olharmos os sentidos dicionarizados de ‘colonização’, ‘colonizar’ etc, veremos que não há menção nem aos ‘colonizados’ nem as línguas. ‘Colonizar’ significa apenas a dominação política e econômica de um território com a presença de colonos oriundo de outro lugar. (MARIANI, 2014, p. 23)

O silêncio significa e se materializa nas imagens produzidas nas Reduções Jesuíticas, mas ainda os indígenas representam a resistência em alguns traços das esculturas. Podemos observar que o Museu das Missões não guarda toda a história e memória acerca das Missões, guarda/preserva uma memória institucionalizada do Estado, em que põe a amostra a história/memória do “colonizador”. Embora o arquivo disponível

“[...] no Museu da Missões seja composto, em especial, por esculturas feitas nas reduções jesuíticas, entendemos que estes artefatos históricos, além de ser representações artísticas são expressões linguísticas, contribuindo para refletirmos sobre o a historicidade e a memória que afetam e são constitutivas da materialidade discursiva das imagens guardadas e preservadas nesse Museu” (SCHNEIDERS; MALLMANN, 2017, p. 67)

Contrapondo-se com o que observamos no Museu das Missões, trazemos, a partir de agora, um olhar sobre o Manancial Missioneiro, conforme imagem 4.

Imagem 4 - Manancial Missioneiro.



Fonte: Fotografia registrada pelo autor (2022)

O Manancial Missioneiro fica localizado próximo ao Museu das Missões e ao Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, porém não possui a mesma visibilidade⁹. Para nós, “essa localização produz efeitos de sentidos importantes para a compreensão do processo discursivo que é posto em funcionamento nesse museu” (MASSMANN,

⁹ Quando falamos de visibilidade pensamos na questão de circulação e divulgação do Manancial Missioneiro.

2020, p. 564). Isso porque a localização já produz sentidos para este museu na sua relação com a história e com a memória da cidade de São Miguel das Missões.

Consideramos, a partir disso, como o museu (se) significa, como “o funcionamento da memória no sujeito se faz pela narratividade” (ORLANDI, 2017, p. 309), e esta, enquanto funcionamento da memória, produz outras versões, como ocorre no Manancial Missioneiro, que põe a mostra outras versões da história/memória nas Missões.

Ao analisarmos os discursos inscritos no arquivo do Manancial Missioneiro, que conta com mais de 300 peças em seu acervo, incluindo elementos arquitetônicos que remontam ao período chamado Trinta Povos das Missões, temos artefatos e instrumentos utilizados por imigrantes deste território entre os (séculos XIX e XX).

Vale salientar que esse museu possui discursos heterogêneos, pois, além de guardar bens materiais da cultura indígena, especialmente da Mbyá-Guarani, também há uma *Opy* (Casa de Reza), onde se realiza o benzimento, nomeado como Ritual da Erva Mate (caá), tatarandê (altar do fogo), *opy* (local sagrado) de práticas de pureza, *ibuyatatuã* (purificações), *menygarai* (batizados), observatório (expiatório astronômico). Práticas essas que eram realizadas pelos nativos e foram ficando para trás devido à chegada dos imigrantes. Na imagem abaixo (imagem 5), parte do acervo que compõem o Manancial Missioneiro.

Imagem 5 - *Opy* (Casa de Reza) e tatarandê (altar do fogo).



Fonte: Fotografia registrada pelo autor (2022)

Além disso, o Manancial Missioneiro traz mais de uma versão da história da região missioneira, pois guarda “objetos que fazem referência à imigração europeia,

o acervo contempla bens da cultura material dos Mbyá Guarani, como instrumentos musicais, utensílios em cerâmica, artefatos em rocha, entre outros” (VIVIAN, 2012, p. 1209) e também objetos que fazem referência a grupos africanos que foram escravizados e viveram na região missioneira, está exposto neste mesmo local apetrechos utilizados na lida campeira por membros dos (CTGs), que se categoriza como pertencente da cultura “tradicionalista”. Vale destacar, que nos deteremos em apenas um dos discursos: a cultura dos indígenas que é posta a mostra, entre os diversos que se encontram no Manancial Missioneiro.

Como podemos perceber, analisando os discursos em ambos os museus há modos de se dizer e de se contar a história, efeitos de sentidos que ressoam. Visando relatar um viés da história das Missões, trazemos um recorte do site Portal das Missões, que aborda sobre como surgiu o Manancial Missioneiro

[...] uma comunidade de São Miguel das Missões transformou um espaço de memória de remanescentes da chamada Redução Jesuítica dos Guaranis no Ponto de Memória Missioneira. Segundo o historiador do Museu das Missões/Ibram, Diego Luiz Vivian, que acompanha junto à comunidade a iniciativa, as práticas de memória desenvolvidas no Ponto de Memória Missioneira estão conectadas com a realidade social de seus protagonistas, que têm conservado e divulgado um conjunto de bens culturais nos quais os moradores encontram reconhecimento e identidade. “Os miguelinos foram historicamente excluídos das decisões que envolvem o patrimônio que faz fronteira com o quintal de suas casas. A alternativa foi buscar meios de narrar e expor suas próprias memórias e patrimônios” (PORTAL DAS MISSÕES, 2022)¹⁰

A partir disso, percebemos um apagamento dos sentidos e da memória dos indígenas ao se criar o Museu das Missões, o qual já significa, devido ser um aparelho ideológico do Estado, em que guarda/preserva uma memória institucionalizada/cristalizada de uma história tida como oficial. Dessa maneira, nos Museus, compreendemos a memória institucionalizada e também a discursiva, consideramos

[...] que a memória discursiva é estruturada pelo esquecimento. É quando esquecemos como um sentido se constituiu em nós que ele passa a produzir seus efeitos, entre eles, o principal, de que estes sentidos, quando falamos, nascem em nós, quando, na realidade para significar é preciso que as

¹⁰ Fonte: <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1161/ponto-de-memoria-missioneira-.html>

palavras, expressões, proposições já signifiquem. Retomamos sentidos já existentes, efeitos do já dito e esquecido em nós. (ORLANDI, 2014, p. 6).

Contudo, ao pensarmos discursivamente os museus aqui expostos neste estudo, interpretamos “e a interpretação é um gesto do sujeito carregada de ideologia, que torna evidente o que na realidade se produz por complexas relações entre sujeitos, língua e história, resultando em diferentes formações discursivas” (ORLANDI, 2017, p. 57), ou seja, o museu não é transparente ele tem o seu modo de funcionamento e deve ser interpretado.

O discurso-museológico que encontramos no Museu das Missões vincula-se à arte barroca utilizadas pelos jesuítas como estratégia de *dominar* e *catequizar*¹¹ os indígenas enquanto no Manancial Missioneiro vai funcionar discursivamente valorizando a missão de expressões culturais dos povos indígenas. O museu nos traz o passado para a atualidade, que se constitui

[...] em (dis)curso com vistas a proteger as memórias ameaçadas do esquecimento. Como destaque, dizemos que esses museus históricos, no espaço urbano, objetivam significar a cidade e, de certa forma, controlar os sentidos, tentando gerenciar memórias (VENTURINI, 2020, p. 28).

Nesse sentido, o Manancial Missioneiro tenta proteger as memórias locais, em especial, dentre elas as práticas culturais que eram realizadas pelos indígenas. O Manancial Missioneiro abarca o que não tem espaço no Museu das Missões, o qual visa preservar/guardar a memória do colonizador a história que interessa ao Estado, assim sendo, o Manancial Missioneiro traz uma nova versão dos fatos.

Podemos observar, conforme Orlandi (2015), o sentido sempre pode ser outro, deriva, abrindo o espaço para a interpretação, ou seja, “em outras palavras, é no esquecimento, com o desejo, que se movimentam os sentidos do Museu, e não no já-dito, lembrado e arquivado, já significado” (ORLANDI, 2015, p. 7). Ainda, conforme Venturini (2020), nem tudo pode/deve estar no museu.

¹¹ “Contato cultural entre índios e brancos, o silenciamento produzido pelo Estado não incide apenas sobre o que o índio, enquanto sujeito, faz mas sobre a própria existência do sujeito índio. E, quando digo estado, digo o Estado brasileiro do Branco. Estado esse que silencia a existência do índio enquanto sua parte e componente da cultura brasileira.” (ORLANDI, 2008, p. 66)

Desse modo, explicitamos a historicidade e a memória que afetam o imaginário local a partir do modo como esses dois museus produzem uma narratividade sobre os fatos da história. Ou seja, compreendemos os efeitos ideológicos e de relações de poder constitutivos dos discursos inscritos nesses museus.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tecer um efeito de conclusão, em nosso estudo, compreendemos de que artefatos são constituídos os museus tomados como objeto de análise, o que constitui cada um deles, além de podermos refletir sobre a questão de quem pode e deve ser homenageado em um museu, e o que deve preenchê-lo. Contudo, a memória que constitui esses museus também é feita de falhas, esquecimentos e silenciamentos, o museu é um lugar de memória “constituído do encontro/desencontro da memória histórica e do corpo-memória/corpo-documento são uma presença ausência no espaço público e significam no entremeio entre campos disciplinares” (VENTURINI, 2017, p. 55).

Portanto, os discursos que são postos à mostra sobre a região das Missões, no Museu das Missões, vinculam-se à memória institucionalizada/cristalizada. Esta está vinculada à ideologia dominante da época, à história contada a partir do viés do colonizador e marcando o esquecimento/silenciamento sobre a história e cultura dos indígenas. Em contraponto, o Manancial Missioneiro nos traz um outro olhar, mostrando a cultura dos indígenas além de outros discursos heterogêneos de tantos outros povos que se encontram nesse museu.

Logo, ambos os museus produzem uma versão da história ligado a questões do político e da ideologia. Devido ao fato de o Museu das Missões funcionar como um aparelho ideológico do Estado, utiliza-se de um discurso predominante de poder para perpetuar determinada versão dessa história. Já no Manancial Missioneiro, os fatos da história apresentam outros discursos ideológicos, os quais foram esquecidos, silenciados e institucionalizados, anteriormente, no Museu das Missões, rememorando, assim, a cultura e a identidade dos indígenas que fazem parte da história e da memória local de São Miguel das Missões.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- BOTELHO, A. A.; VIVIAN, D.; BRUXEL, L. **Museu das Missões**. Brasília, DF: Ibram, 2015. p. 80.
- BRASIL. Decreto-lei 2.077, 8 de março de 1940.
- CERVO, L. M. **A língua, o museu e os espelhos**. Revista Rua. Campinas, N. 21, vol. 2, p. 363-380, nov. 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museu das Missões**. Disponível em: <<https://museudasmissoes.museus.gov.br/>>. Acesso em 15 de julho de 2022.
- MARIANI, Bethania. **Colonização lingüística: línguas, política e religião** (Brasil, sécs. XVI a XVIII e Estados Unidos da América, século XVIII). Campinas, Pontes, 2004.
- MASSMAN, DÉBORA. **Museu: turismo, punição, silêncio**. In: RUA [online]. Volume 26, número 2 – p. 555-571– e-ISSN 2179-9911–Novembro/2020. Consultada no Portal Labeurb–Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>>. Acesso em: 09 de fev. 2022.
- MUSEU DAS MISSÕES. **Blogspot**. Disponível em: <<http://museudasmissoes.blogspot.com/p/fotos.html>>. Acesso em 26 de junho de 2022.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.
- ORLANDI, E.P. **As Formas de Silêncio: no movimento dos sentidos**. (1942). 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E.P. **Discursos e museus: da memória e do esquecimento**. Entremeios: revista de estudos do discurso. v.9, jul/2014. Disponível em <<http://www.entremeios.inf.br>>. Acesso em 01 de fev. 2022.
- _____. **Os sentidos de uma estátua: espaço, individuação, acontecimento e memória**. Entremeios: revista de estudos do discurso. v1,n1, jul/2010.
- ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise**. Sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- ORLANDI, E. P. **Eu, Tu, Ele-Discurso e Real da História**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2017.
- ORLANDI, E.P. **Terra à vista discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso-uma crítica à afirmação do óbvio**. (1975). Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- ROMÃO, L.M.S. **Exposições do Museu de Língua Portuguesa: arquivo e acontecimento e(m) discurso**. São Carlos: Pedro e João, 2011.
- SCHNEIDERS, C. M. MALLMANN, B. L. **Museu das Missões: entre a memória e a história**. Interfaces, Guarapuava, v.8, Ed. Especial. p.58-68, 2017.

THIELKE, N. **O Percurso das imagens: a estatuária missioneira no Museu Júlio de Castilhos e no Museu das Missões** (1903 – 1940). 217 f. Dissertação Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR – RS, 2014.

VENTURINI, M. C, RASIA, G. S. (org). **Museus, Arquivos e Discursos**: Funcionamentos e efeitos da língua, da memória e da história. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

VENTURINI, M. C (org). **Museus, Arquivos e Produção do Conhecimento em (Dis)curso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

VIVIAN, Diego Luiz. **Ponto de Memória Missioneira**: iniciativas comunitárias de preservação e promoção do patrimônio cultural em São Miguel das Missões. In: BAPTISTA, Jean; SILVA, Cláudia Feijó da (org.). Práticas comunitárias e educativas em memória e museologia social. Rio Grande: FURG, 2013. p. 33-48.